



EIXO TEMÁTICO:

Compartilhamento da Informação e do Conhecimento

COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO DE PAIS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES SURDOS

INFORMATION LITERACY FROM PARENTS OF DEAF CHILDREN AND ADOLESCENTS

Ana Paula Pereira¹
Adriana Rosecler Alcará²

Resumo: Discute sobre a competência em informação e suas diferentes dimensões. Tem como objetivo evidenciar a contribuição das dimensões da competência em informação para os pais de crianças e adolescentes surdos. Parte do princípio de que a competência em informação abrange não apenas conhecimentos, habilidades e atitudes, mas agrega a reflexão, a consciência e a postura crítica diante da informação para inferir sobre a realidade. Utiliza como método a pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa e caráter descritivo. Salaria que os pais de crianças e adolescentes surdos devem ser competentes em informação, sendo que precisam saber lidar com a informação para saber lidar com a surdez e isso pode contribuir e propiciar uma vida melhor e mais digna aos filhos surdos.

Palavras-chave: Competência em informação. Dimensões da competência em informação. Surdez. Pais de crianças e adolescentes surdos.

Abstract: It addresses the information literacy and its different dimensions. It aims to highlight the contribution of the dimensions of information literacy to parents of deaf children and adolescents. It starts from the principle that information literacy encompasses not only knowledge, skills and attitudes, but it adds reflection, awareness and critical posture to information to infer reality. It uses as a method the bibliographic research, of qualitative nature and descriptive character. Highlights that parents of deaf children and adolescents need to be literacy in information, so they need to be able to deal with information to deal with deafness and can contribute and provide a better and more dignified life for deaf children.

Keywords: Information Literacy. Dimensions of information literacy. Deafness. Parents of deaf children and adolescents.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina (PPGCI/UEL). E-mail: anapaula_uel@yahoo.com.br

² Professora do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: adrianaalcara@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A competência em informação pode ser entendida como um conjunto de saberes e ações que o indivíduo precisa mobilizar para lidar com a informação. Tais saberes e ações estão diretamente vinculadas ao contexto pessoal, histórico, cultural e social dos indivíduos e influenciam o aprendizado e o agir. Nesta perspectiva, “Um sujeito competente em informação integra-se ao mundo e não meramente adapta-se às exigências decorridas dele, já que por meio de questionamentos e criticidade, torna-se produtor de conhecimento que o conduz à mudanças e compreensão da realidade.” (SANTOS, 2015, não paginado).

Em se tratando dos pais de crianças e adolescentes surdos, a informação pode ser decisiva e garantir a superação de conflitos e incertezas. Se souberem como lidar com a informação, será possível transformar a vida dos filhos surdos, seja no âmbito da saúde, da educação, dos direitos, da inclusão, entre outros.

Entendemos que a competência em informação ultrapassa o uso que se faz da informação e engloba o saber lidar e articular conhecimentos de modo consciente e crítico, no caso dos pais de crianças e adolescentes surdos para saber lidar com a surdez de seus filhos e até mesmo auxiliar outros pais quando necessário.

Assim, o objetivo deste artigo é refletir sobre as dimensões da competência em informação, relacionando-as ao contexto dos pais de crianças e adolescentes surdos de modo a evidenciar suas contribuições.

No âmbito da Ciência da Informação é possível compreender de que modo a informação sobre a surdez é essencial na resolução de problemas e desafios da vida dos surdos. Vale ressaltar que a competência em informação não se resume à competências e habilidades, mas deve ser compreendida como um todo que se inicia com competências e habilidades e evolui em comportamentos e conhecimentos (FARIAS; BELLUZZO, 2017). Em consequência disso, notamos que o indivíduo competente em informação é aquele que atinge uma maturidade cognitiva, ou seja, que no decorrer do aprendizado tem um crescimento pessoal, tanto de saberes quanto de consciência das ações.

Além disso, é preciso compreender a função da informação para grupos sociais desfavorecidos e até excluídos, neste caso os pais de crianças e adolescentes surdos cujos "desafios informacionais" são ainda maiores. Acreditamos que os pais precisam da competência em informação para que possam (a partir da

informação) propiciar o desenvolvimento pleno de seus filhos surdos.

A metodologia adotada para este estudo foi a pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e caráter descritivo, em que levantamos e analisamos algumas produções (basicamente nacionais) sobre a temática aqui tratada. A primeira etapa constituiu-se da coleta de artigos, dissertações e teses identificados em levantamento no Google Acadêmico. Na segunda etapa realizamos a seleção dos trabalhos localizados para leitura e análise de algumas produções sobre a temática, tendo em vista nosso objetivo de pesquisa.

A razão de se propor este estudo está na possibilidade de evidenciar a competência em informação como fator de reflexão e criticidade diante da informação. Para compreender o vínculo entre estes elementos, discutiremos a seguir o olhar social da Ciência da Informação, a informação como elemento transformador, a competência em informação e a surdez, as dimensões da competência em informação, seguida de algumas considerações.

2 O OLHAR SOCIAL DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Nos apropriamos da concepção de Barreto (2002, p. 70) quando advoga que “A ciência da informação passou a ser uma instituição de reflexão da informação, como um campo, que estuda a ação mediadora entre informação e conhecimento acontecido no indivíduo”. O autor destaca que cabe a Ciência da Informação (CI) refletir e analisar a informação produzida pelos indivíduos. E assim também voltar-se para os grupos desfavorecidos e muitas vezes esquecidos e ignorados pela sociedade, tais como os surdos.

Sob este prisma haveria na Ciência da Informação um olhar, um modo de ver, isto é, um paradigma social e humano, cuja informação encontra-se historicamente contextualizada e nos permite resolver problemas. O “[...] papel da Ciência da Informação é exatamente o de auxiliar pessoas – os atores – que se encontram em situação problemática em relação ao uso do conhecimento.” (KOBASHI; TÁLAMO, 2003, p. 14)

Araújo (2010, p. 36) defende que o paradigma social da CI “[...] vem para problematizar aspectos de como a definição de critérios de qualidade e valor da informação é construída socialmente, e atravessada por fatores históricos, culturais, políticos, sociais e econômicos”. Nesta concepção, os pais das crianças e dos

adolescentes surdos estão inseridos, pois a informação não está desvinculada e descontextualizada, mas é o elemento básico desde questões cotidianas até decisões mais complexas. Um aspecto que merece destaque refere-se à informação como condição de compreensão da surdez. Com ela, os pais podem conhecer o mundo dos surdos, aprender a língua de sinais, escolher a modalidade de escola (especial ou regular), lutar pelos direitos dos surdos, entre outros aspectos.

Portanto, a informação pode reduzir incertezas e produzir conhecimento, de tal modo que os pais deixam de conceber a surdez como problema ou doença, e podem aprender uma nova língua, novos modos de desenvolver a leitura e a escrita, superando medos e preconceitos. Levando-se em consideração estes fatores, podemos afirmar que a informação modifica os familiares dos surdos, é elemento de transformação conforme abordaremos a seguir.

2. 1 INFORMAÇÃO: ELEMENTO TRANSFORMADOR

Um indivíduo sem informação não possui memória nem história. Concordamos com Barreto (2008, p.10) quando diz que “A informação sintoniza o mundo, pois referencia o homem ao seu passado histórico, às suas cognições prévias e ao seu espaço de convivência com outros homens, colocando-o em um ponto do presente, tendo uma memória do passado e uma perspectiva de futuro [...]”. Aspecto relevante que é bem ressaltado pelo autor é a informação:

[...] como instrumento modificador da consciência do homem. Quando adequadamente apropriada, produz conhecimento e modifica o estoque mental de saber do indivíduo; traz benefícios para seu desenvolvimento e para o bem-estar da sociedade em que ele vive (BARRETO, 2002, p.70).

No contexto da surdez, a informação pode modificar a concepção e os sentimentos dos pais, favorecendo tanto a família quanto as crianças e os adolescentes surdos. É preciso salientar aqui que “A informação não se apresenta mais como uma questão individual, é um problema social” (KOBASHI; TÁLAMO, 2003, p. 11), ou seja, não se encontra presente apenas na individualidade do sujeito, mas nas necessidades e questionamentos de determinados grupos. A comunidade surda e seus familiares, por exemplo, precisam de informações para superar conflitos comuns desde a descoberta da surdez. O que mais chama a atenção é o fato de que:

A informação é entendida [...] como recurso fundamental para a condição humana no mundo e, como tal, a primeira percepção que se tem é de sua desigual distribuição entre os atores sociais. Como recurso, a informação é apropriada por alguns, que garantem para si o acesso. Aos demais, sobra a realidade da exclusão (ARAÚJO, 2009, p. 197).

Nesse sentido, nem todos os pais têm a informação que precisam e nem todos sabem lidar com ela. Dificilmente poderão contribuir para o desenvolvimento pleno de seus filhos surdos sem informação sobre a surdez de modo que com o desconhecimento, os desafios e as dificuldades aumentam. Esta afirmação conduz à percepção de que os primeiros obstáculos em relação à surdez seriam superados se os serviços de saúde fornecessem informações esclarecedoras, que auxiliassem os pais em suas angústias, dúvidas e incertezas. Segundo Almeida (2009, p. 143) cabe aos serviços de saúde “[...] um aconselhamento aos pais que tenha em conta os outros aspectos não clínicos da surdez, nomeadamente, informação sobre o seu desenvolvimento linguístico, cognitivo, bem como informação sobre a comunidade surda, a sua língua e a sua cultura [...]”. A autora completa dizendo que raramente os médicos agem dessa forma. Por isso os pais precisam procurar informação em outras fontes, isto é, na “[...] comunidade surda, nas associações de surdos e nas associações de pais [...] e em pesquisas na internet”. (ALMEIDA, 2009, p. 143). De fato, em alguns casos os diagnósticos fornecidos pelos médicos podem não amenizar as incertezas dos pais em relação ao tratamento de seus filhos.

Neste momento eles “[...] necessitam de apoio, aconselhamento e encaminhamento para encararem a falta de audição do seu filho/a de modo natural, sem angústias [...]” (ALMEIDA, 2009, p. 144). Isso porque na descoberta da surdez os pais passam por um momento de:

[...] choque emocional profundo [...] mas, passado esse momento inicial, deverão ser apoiados no sentido de iniciarem de imediato uma intervenção precoce conducente à criação de um ambiente facilitador do seu total desenvolvimento linguístico, cognitivo e sócio-emocional. (ALMEIDA, 2009, p. 143).

Diante desta realidade, os pais de surdos precisam ser competentes em informação, para que saibam como e por que lidar com a informação e aprender com ela, conforme discutiremos na seção a seguir.

3 A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E A SURDEZ

Como dito, o conceito de competência em informação que utilizamos está associado ao aprendizado ao longo da vida, ao saber reconhecer suas necessidades informacionais “[...] compondo direito humano básico [...] necessário para gerar o desenvolvimento, a prosperidade e a liberdade, criando condições plenas de inclusão social e cultural.” (BELLUZZO, 2017, p. 62)

Defendemos que a competência em informação é elemento fundamental para os pais de crianças e adolescentes surdos que em muitos casos permanecem excluídos e isolados na própria família (avós, tios, primos) e na sociedade. Belluzzo (2011) enfatiza que “A questão central do desenvolvimento de competência na sociedade contemporânea não é mais apenas o acesso à informação, mas o uso da informação para fazer o quê?” Partindo do questionamento da autora, inferimos que não basta acessar a informação, é preciso apropriar-se dela de maneira reflexiva, crítica e consciente, condições propiciadas pela competência em informação que, de acordo com a *Association of College and Research Libraries* (ACRL) abrange “[...] a descoberta reflexiva de informação, a compreensão de como a informação é produzida e valorizada e o uso da informação na criação de novos conhecimentos [...]” (ACRL, 2016, p. 3, tradução nossa).

De acordo com Belluzzo (2011) os indivíduos competentes em informação sabem definir suas necessidades informacionais; buscam e acessam a informação de forma efetiva e avaliam a sua pertinência e relevância; organizam a informação, transformando-a em conhecimento. Além disso, são indivíduos que aprenderam a aprender.

Nesse sentido, o indivíduo competente em informação é aquele que atinge uma independência cognitiva, ou seja, no decorrer do aprendizado adquire autonomia tanto do fazer e saber, quanto de consciência que se reflete em um amadurecimento e aprendizado. Para tal, os pais precisam reconhecer suas necessidades de informação sobre a surdez e ainda avaliar, organizar e questionar a informação obtida para seu uso efetivo.

É importante ressaltar que “Na vida do sujeito surdo [...] a família exerce um papel de suma importância. É na família que o surdo tem o apoio necessário para encontrar e descobrir-se no mundo.” (ROCHA; RODRIGUES; BOTELHO, 2013, p. 2355)

Historicamente, o próprio conceito de surdez se modificou e evoluiu. Se em Aristóteles, na Idade Média e até recentemente a surdez era concebida como uma doença a ser curada, atualmente ela é entendida como uma característica de uma comunidade que compartilha uma língua (a língua de sinais) e uma cultura própria, o que representa uma conquista significativa para os surdos.

Salientamos que os pais precisam desenvolver a competência em informação de tal modo que além de buscar e usar informações sobre a surdez é necessário que se apropriem dos conhecimentos obtidos para tomar decisões, as quais definirão a vida e o futuro dos filhos surdos. Nesta perspectiva, a competência em informação pode agregar a criticidade, a consciência e o aprendizado dos pais ao longo da vida dos filhos surdos.

Dulzaides Iglesias e Molina Gómez (2007, p. 46, tradução nossa) argumentam que “A competência em informação é um processo que inclui outros processos, entre os quais estão a atenção, percepção, memória, raciocínio, imaginação, tomada de decisão, pensamento e linguagem”. Os aspectos mencionados fundamentam as ações dos pais, visto que a informação pode ser usada na tomada de decisões, além de propiciar o conhecimento e o acolhimento do surdo de forma plena.

Em se tratando das habilidades para competência em informação, Dudziak (2003) destaca as cognitivas, atitudinais e técnicas. As habilidades cognitivas referem-se à competência em buscar a informação a fim de construir conhecimento. Abrange a busca de sentidos e a atribuição de significados. A autora ainda menciona o uso e a interpretação da informação pelo indivíduo, “[...] seus processos de compreensão da informação e seu uso em situações particulares.” (DUDZIAK, 2003, p. 30)

No contexto da surdez as habilidades cognitivas são necessárias, na medida em que os pais precisam transformar a informação sobre a surdez em conhecimento, isto é, uma informação que tenha sentido e modifique suas concepções e até mesmo preconceitos em relação ao surdo. A informação será utilizada no cotidiano sendo parte do aprendizado, a exemplo da comunicação com o filho surdo, quando os pais aprendem a Língua de Sinais.

Do mesmo modo, as habilidades técnicas estão associadas “[...] com o aprendizado de mecanismos de busca e uso de informações em ambientes eletrônicos.” (DUDZIAK, 2003, p. 30). A autora completa dizendo que estas são

habilidades necessárias para “[...] o uso de ferramentas e suportes tecnológicos”. Nesta perspectiva podemos analisar se os pais de crianças e de adolescentes surdos possuem habilidades técnicas para lidar com a informação, ou seja, se usam a tecnologia para buscar e compartilhar informações com outros pais, se encontram dificuldades ou se têm facilidade com os recursos e ferramentas, as fontes utilizadas, enfim a apropriação de tudo aquilo que a tecnologia pode oferecer.

Muito além da técnica e do conhecimento estão as habilidades atitudinais. Podemos considerá-las as mais complexas de todas, porque referem-se à “[...] a noção de valores ligados à dimensão social e situacional. A construção de redes de significados a partir do que os aprendizes lêem, ouvem e refletem constitui o que se chama de estrutura de aprendizado, essencial à extrapolação do entendimento”. (DUDZIAK, 2003, p. 30). Assim, é preciso levar em conta aquilo que o indivíduo já possui, seu contexto e sua realidade social. Entretanto, muitas vezes, os pais de crianças e de adolescentes surdos desconhecem a surdez e os desafios que o surdo enfrenta. Terão que desmistificar a surdez, descobrir suas necessidades informacionais e buscar informações.

Vitorino e Piantola (2009, p. 135) se apropriam de Singh (2008), quando diz que o principal objetivo da competência em informação é desenvolver a “[...] habilidade de construir sentido, cujo resultado seria o aprendizado independente e o pensamento autônomo”. Ao atribuir sentido à informação, o indivíduo ganha independência em relação ao aprendizado e autonomia para a reflexão.

Conforme Farias e Belluzzo (2017), é de suma importância que a pessoa aprenda a gerar conhecimento desde o momento em que busca a informação até o uso que se faz dela, sanando suas necessidades, resolvendo problemas, tomando decisões ou aprendendo. Tendo em vista que para agir na sociedade contemporânea é fundamental desenvolver competências e habilidades para usar a informação de modo “[...] consciente, criativo e benéfico”. (VITORINO; PIANTOLA, 2009, p. 131).

Righetto, Vitorino e Muriel-Torrado (2018, p. 84) advogam que a competência em informação não se refere “[...] a uma ‘mera’ competência, mas a uma ‘metacompetência’, revestida de dimensões e de características que a tornam fundamental na sociedade”. Assim sendo, julgamos necessário abordar as dimensões que constituem a competência em informação e faremos isso, a seguir.

3. 1 DIMENSÕES DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E O CONTEXTO DA SURDEZ

A competência em informação pode ser concebida sob o foco de diferentes dimensões. O estudo das dimensões “[...] pode contribuir para que diversos ‘cruzamentos’ com outros assuntos aconteçam, igualmente relevantes, mesmo aqueles que guardam características e elementos constituintes distintos, mas que ainda assim se complementam.” (VITORINO, 2016, p. 423). Neste aspecto, surdez e competência em informação se completam, já que para lidar com a surdez diferentes dimensões da competência em informação dos pais de crianças e adolescentes surdos são necessárias.

Vitorino e Piantola (2009) buscaram as quatro dimensões propostas por Rios (2006), dentre elas: a dimensão técnica, a dimensão estética, a dimensão ética e a dimensão política, incluindo-as como dimensões da competência em informação. A dimensão técnica, refere-se à prática, à ação, “[...] à aquisição das habilidades e dos instrumentos para encontrar, avaliar e utilizar de modo apropriado a informação de que se necessita.” (VITORINO; PIANTOLA, 2011, p. 102)

Segundo as autoras, nesta perspectiva o indivíduo competente acessa a informação com sucesso e domina as novas tecnologias. Embora a técnica seja a aplicação prática da competência, ela não deve se desvincular das outras dimensões, tampouco desconsiderar o contexto social, econômico, político, cultural dos indivíduos. É necessário, portanto, considerarmos as dimensões estética, ética e política mencionadas pelas autoras.

A dimensão estética da competência em informação está associada “[...] à experiência interior, individual e única do sujeito ao lidar com os conteúdos de informação e a sua maneira de expressá-la e agir sobre ela no âmbito coletivo.” (VITORINO; PIANTOLA, 2011, p. 103). É a dimensão daquilo que é pessoal, particular do indivíduo, sua criatividade, imaginação que emergem na relação com a informação. “Ao imaginarmos ou criarmos relações mentais em resposta a uma informação, trazemos à consciência algo de nós mesmos, algo do fundo de nossa vida psíquica, imprimindo-lhe características pessoais, não verificáveis nem necessariamente compartilhadas pelos demais indivíduos em sociedade.” (VITORINO; PIANTOLA, 2011, p. 104)

Acrescentamos aqui, as sensações e sentimentos do indivíduo na relação com a informação que podem provocar um pensamento criativo, reflexivo e crítico –

que também se associa à dimensão ética da competência em informação. Esta dimensão ética tem por base a criticidade, pois “[...] o indivíduo que é efetivamente competente em informação é capaz de tomar posição [e] assumir uma postura crítica diante de determinadas informações [...]” (VITORINO; PIANOLA, 2011, p. 105) Concordamos com as autoras, pois acreditamos que o indivíduo competente, não assume uma postura neutra, ao contrário, tem o conhecimento necessário para posicionar-se diante do mundo e das informações.

A dimensão política da competência em informação está diretamente associada ao indivíduo político, isto é, aquele que pode “[...] administrar o próprio trajeto histórico, mudando a natureza e as relações sociais. É inclusive, aquele indivíduo que tem consciência histórica: sabe dos problemas e busca soluções, não aceita ser objeto, quer comandar o próprio destino. Ator, não espectador. Criativo, não produto.” (VITORINO; PIANOLA, 2011, p. 107)

O discurso apresentado evidencia que a dimensão política situa o indivíduo no mundo, consciente de si e dos outros, sabe o que quer, o que precisa, na perspectiva do saber e do saber ser. No contexto da surdez, por exemplo, esta dimensão é fundamental, pois conscientiza os pais dos surdos das lutas que precisarão enfrentar, em busca de respostas e das condições necessárias para o desenvolvimento pleno de seus filhos.

Para Dulzaides Iglesias e Molina Gómez (2007) são dimensões da competência em informação: o saber, o saber fazer, o saber estar, o querer fazer e o poder fazer. O saber equivale a um “[...] conjunto de conhecimentos relacionados com os comportamentos envolvidos na competência. Podem ser de caráter técnico e de caráter social. Em ambos os casos a experiência desempenha um papel essencial.” (DULZAIDES IGLESIAS; MOLINA GÓMEZ, 2007, p. 45, tradução nossa). A experiência de vida de pais surdos difere da experiência de pais ouvintes que, em muitos casos, desconhecem a surdez e isso influencia a concepção que eles têm em relação ao surdo.

O saber fazer pode ser entendido como um “[...] conjunto de habilidades que permitem colocar em prática os conhecimentos que se têm. Pode-se falar de habilidades técnicas, sociais, cognitivas, e por regra geral estas devem interagir entre si”. (DULZAIDES IGLESIAS; MOLINA GÓMEZ, 2007, p. 45, tradução nossa). Assim como o saber, o saber fazer tem um caráter social e por isso mesmo está vinculada ao contexto e a história de cada um.

Do mesmo modo o saber estar é um:

[...] conjunto de atitudes de acordo com as principais características do meio organizacional e/ou social. Quer dizer, se trata de levar em conta nossos valores, crenças, atitudes como elementos que favorecem ou dificultam determinado comportamento em um dado contexto. (DULZAIDES IGLESIAS; MOLINA GÓMEZ, 2007, p. 45, tradução nossa).

Não se pode desconsiderar as influências internas e externas que o indivíduo recebe, pois elas são determinantes para o querer fazer, isto é, um “[...] conjunto de aspectos motivacionais responsáveis de que a pessoa queira ou não realizar os comportamentos próprios da competência. Trata-se de fatores de caráter interno e/ou externo à pessoa, que determinam que esta se esforce ou não por mostrar uma competência.” (DULZAIDES IGLESIAS; MOLINA GÓMEZ, 2007, p. 45, tradução nossa). O poder fazer por sua vez envolve um “[...] conjunto de fatores relacionados com duas questões fundamentais: a individual e a situacional”. (DULZAIDES IGLESIAS; MOLINA GÓMEZ, 2007, p. 45, tradução nossa). Nesta perspectiva é preciso considerar as experiências e a realidade dos indivíduos. No contexto da surdez, por exemplo, cada família vai reagir de um modo diante da descoberta, dependendo dos valores, princípios e contexto social. Para Souza (2018, p. 64) “Com a descoberta, a família passa a viver um turbilhão de emoções que sobrepujam seus valores e conceitos. As expectativas são transformadas em normas, que podem ser de acolhimento ou distanciamento.”

Assim, a concepção de surdez que a família tem é determinante nas suas ações, na luta pela inclusão do surdo em todos âmbitos da sociedade. Vale ressaltar que independentemente do nível ou da classe social a experiência com a surdez é única: famílias menos favorecidas podem lutar pelo filho surdo do mesmo modo que famílias mais abastadas.

No entender de Dulzaides Iglesias e Molina Gómez (2007) o “querer fazer” representa a motivação, o desejo de realizar ou não as ações para alcançar a competência em informação. Novamente nos reportamos aos familiares das crianças surdas, na luta pelos direitos dos filhos surdos, ou mesmo no aprendizado da língua de sinais que alguns dominam e ensinam para os demais membros da família. É um desejo, uma vontade de querer lutar, aprender, compartilhar, fazer a diferença. A esse respeito Souza (2018, p. 71) defende que “À criança surda não pode ser negada condições que oportunizem a aquisição da língua de sinais, logo, é de

extrema importância que essa modalidade de comunicação lhe seja apresentada e adquirida por sua família para que os processos de construção de identidade e pertencimento não sejam prejudicados.”

Dulzaides Iglesias e Molina Gómez (2007) ainda mencionam a dimensão “poder fazer” que engloba fatores individuais e situacionais. No contexto da surdez, cada pai e cada mãe de uma criança surda tem uma determinada característica, uma personalidade que vai refletir nas suas atitudes. Do mesmo modo, certas situações podem facilitar ou dificultar as atitudes dos pais. De um lado haverá pais que conhecem um surdo, convivem com surdos, são surdos, do outro há aqueles que não conhecem nenhum surdo, não convivem com surdos, ou seja, desconhecem a surdez.

Assim, a competência em informação dos pais de crianças e de adolescentes surdos pode ser concebida como um modo de agir e nesse sentido podemos relacioná-la ao que Dulzaides Iglesias e Molina Gómez (2007) já enfatizaram, que ela representa “[...] um elemento significativo para a resolução de problemas e tomada de decisões eficazes e eficientes em qualquer contexto”.

Em se tratando da surdez, os pais precisam resolver questões referentes à saúde, educação, comunicação dos filhos surdos dialogando com outros pais, com a escola e professores. Na busca por informação podem utilizar as tecnologias – dispositivos que auxiliam o compartilhamento de experiências pessoais de forma responsável, participativa e engajada.

Entendemos que tanto os pais quanto os surdos pertencem a uma minoria, uma vez que:

[...] se encontram em situações de discriminação, intolerância e fragilidade e que estão em desigualdade e desvantagem na sociedade atual, principalmente, em relação às questões que envolvem o acesso e uso da informação para a construção de conhecimento, identidade e autonomia a fim de permitir a sua efetiva inclusão social. (MANIFESTO, 2013)

Em uma sociedade predominantemente ouvinte, o surdo encontra dificuldades principalmente quanto à comunicação, já que poucos dominam a Língua de Sinais. Logo, o acesso e o uso da informação é desigual e os pais precisam aprender a lidar com situações de preconceito, de indiferença e de exclusão. Mas a responsabilidade pela inclusão não é somente dos pais, mas da escola, da biblioteca, da universidade, enfim da sociedade como um todo.

Em relação à competência em informação para a governança e cidadania, mencionada nos Faróis da Sociedade de Informação, por Dudziak (2008), podemos relacioná-la a atuação dos pais dos surdos na sociedade. Significa um engajamento social e político tendo em vista que precisarão garantir e conquistar os direitos dos filhos surdos, sabendo utilizar a informação a seu favor. Segundo a autora ser competente em informação é “[...] saber o porquê do uso de determinada informação [...]” (DUDZIAK, 2008, p. 47). Acrescentamos ao porquê, o como fazer e como usar a informação.

Os pais dos surdos precisam conhecer as leis e utilizá-las para que os filhos frequentem cinemas e teatros, museus e bibliotecas com tradução em libras e com intérpretes. Nestes últimos é fundamental que pelo menos alguns de seus funcionários se comuniquem em Libras.

A competência em informação quando voltada para a educação, que também é enfatizada nos Faróis da Sociedade de Informação, é significativa porque permite que os profissionais potencializem o aprendizado das crianças e dos adolescentes surdos. Assim, a competência em informação para os pais dos surdos é essencial porque auxilia nas escolhas realizadas, desde a opção pelo oralismo, pela língua de sinais ou pelo bilinguismo, por exemplo. Há aqueles que necessitam de informação para escolher a escola mais apropriada, isto é, a escola especial ou a escola regular.

Seja na escola especial ou regular e em suas respectivas bibliotecas devem ser utilizados métodos de aprendizado e materiais que estimulem a criança e o adolescente surdo tornando-os participantes e não apenas receptores. É o caso dos livros de imagem que possibilitam a apropriação dos leitores surdos a partir das ilustrações e da sinalização da narrativa. Ou ainda, a contação de histórias em libras, em que surdos e ouvintes vão conhecendo a história por meio dos sinais. Do mesmo modo, os ambientes precisam ser agradáveis, acessíveis, lugar de acolhimento, favoráveis a apropriação plena da leitura e da literatura.

4 CONSIDERAÇÕES

Ao investigar na literatura a competência em informação dos pais de crianças e adolescentes surdos nos deparamos com uma perspectiva ainda inexplorada, cuja reflexão é essencial para evidenciar a importância da informação para populações excluídas, com amplos desafios informacionais em toda história da humanidade. Os

surdos, por exemplo, encontram barreiras ao acessar a informação e seus pais podem se ver perdidos e desamparados desde o diagnóstico da surdez.

Assim, em se tratando dos familiares de crianças e de adolescentes surdos, a informação é essencial em situações simples até mais complexas, desde a opção pela comunicação, a escolha da escola até o conhecimento sobre seus direitos. Essas situações constituem-se em uma luta constante e árdua pela participação efetiva dos filhos na sociedade. Assim, pesquisas que busquem investigar a competência em informação dos pais de crianças surdas permitem compreender de que forma eles podem articular habilidades que serão úteis nas suas ações e decisões, pois é na família que o surdo encontra o acolhimento e o apoio necessário para seu pleno desenvolvimento e inserção na sociedade.

Acreditamos que ao longo da vida dos surdos, os pais aprendem a aprender com a informação, e desse modo podem estimular o aprendizado dos filhos, socializando e compartilhando informações e gerando conhecimento entre a família e outros pais, tornando-se assim autônomos e não apenas consumidores, mas produtores de informação. Entendemos que a competência em informação pode contribuir e favorecer os pais de crianças e adolescentes surdos, a fim de não apenas terem acesso à informação, mas se apropriar dela sendo que e para tal necessitarão da competência em informação. Queremos enfatizar que o uso e a apropriação da informação pelos pais dos surdos talvez seja a etapa mais importante, pois determinará a modificação da realidade. Uma informação que seja inclusiva e não exclusividade dos ouvintes.

Nesse sentido, considerando a escassez de estudos identificada nesta pesquisa, vale ressaltar que temos uma proposta de pesquisa em andamento, que visa investigar a competência em informação dos pais de crianças e adolescentes surdos, por meio de uma pesquisa de campo. Esperamos assim, ampliar nossa reflexão e compreensão em relação às necessidades informacionais dos pais das crianças e dos adolescentes surdos, às fontes de informação que utilizam e as habilidades que possuem para lidar com a informação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. J. F. O desenvolvimento da literacia na criança surda: uma abordagem centrada na família para uma intervenção precoce. **Mediações**, v. 1, n. 1, p. 142-155, 2009. Disponível em:

[https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/5574/1/O desenvolvimento da literacia na crianca surda.pdf](https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/5574/1/O_desenvolvimento_da_literacia_na_crianca_surda.pdf). Acesso em: 30 maio 2019.

ARAÚJO, C. A. Á. Correntes teóricas da ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 38, n. 3, p. 192-204, set./dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v38n3/v38n3a13>. Acesso em: 30 maio 2019.

ARAÚJO, C. A. Á. Estudos de usuários conforme o paradigma social da Ciência da Informação: desafios teóricos e práticos de pesquisa. **Informação & Informação**, Londrina, v. 15, n. 2, p. 23-39, jul./dez. 2010. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/6485/6995>. Acesso em: 30 maio 2019.

ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES (ACRL). **Framework for information literacy for higher education**. Chicago, 2016. Disponível em: <http://www.ala.org/acrl/standards/ilframework>. Acesso em: 30 maio 2019.

BARRETO, A. A. Uma quase história da ciência da informação. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v.9, n.2, p.10-18, abr., 2008. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/7593>. Acesso em: 30 maio 2019.

BARRETO, A. A. A condição da informação. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 16, n. 3, p.67-74, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392002000300010&script=sci_arttext&tlnq=pt. Acesso em: 30 maio 2019.

BELLUZZO, R. C. B. O estado da arte da competência em informação (CoInfo) no Brasil: das reflexões iniciais à apresentação e descrição de indicadores de análise. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 13, n. especial, p. 47-76, jan./jul. 2017. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/648/570>. Acesso em: 30 maio 2019.

BELLUZZO, R. C. B. Competência em informação. 2011. 33 slides. Disponível em: https://bibliotecaviva.org.br/wp-content/uploads/edicoes-antteriores/2011/12h_Regina_Belluzzo_-_Competencia_em_Informacao.pdf. Acesso em: 30 maio 2019.

DUDZIAK, E. A. Information literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 23-35, jan./abr., 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-19652003000100003&script=sci_arttext&tlnq=es. Acesso em: 30 maio 2019.

DUDZIAK, E. A. Os faróis da sociedade de informação: uma análise crítica sobre a situação da competência em informação no Brasil. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 18, n. 2, p. 41-53, maio/ago., 2008. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/1704/2109/>. Acesso em: 30 maio 2019.

DULZAIDES IGLESIAS, M. E.; MOLINA GÓMEZ, A. La competencia informacional: concepción relevante a considerar en la Educación Superior. **MediSur**, Facultad de

Ciencias Médicas de Cienfuegos, Cuba, v. 5, n. 1, p. 44-47, 2007. Disponível em: <http://www.medisur.sld.cu/index.php/medisur/article/view/236/1141>. Acesso em: 30 maio 2019.

FARIAS, G. B. de; BELLUZZO, R. C. B. Competência em informação: perspectiva didática pedagógica. **Informação & Informação**, Londrina, v. 22, n. 3, p. 112-135, set./out., 2017. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/26716/22728>. Acesso em: 30 maio 2019.

KOBASHI, N. Y.; TÁLAMO, M. F. G. M. Informação: fenômeno e objeto de estudo da sociedade contemporânea. **Transinformação**, Campinas, v. 15, p. 7-21, set./dez. 2003. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/40839>. Acesso em: 30 maio 2019.

MANIFESTO de Florianópolis sobre a Competência em Informação e as Populações Vulneráveis e Minorias. In: SEMINÁRIO SOBRE COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: CENÁRIOS E TENDÊNCIAS, 2., 2013. Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: FEBAB, IBICT, UNB e UNESP, 2013. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br:8180/bitstream/handle/123456789/231/Manifesto%20Florian%C3%B3polis%20-%20Compet%C3%Aancia%20em%20Informa%C3%A7%C3%A3o.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 30 maio 2019.

RIGHETTO, G. G.; VITORINO, E. V.; MURIEL-TORRADO, E. Competência em informação no contexto da vulnerabilidade social: conexões possíveis. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 28, n. 1, p. 77-90, jan./abr., 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/34735/pdf>. Acesso em: 30 maio 2019.

ROCHA, L. R. M.; RODRIGUES, L.; BOTELHO, T. da S. A importância do aprendizado da língua de sinais no seio familiar do surdo. In: Encontro Da Associação Brasileira De Pesquisadores Em Educação Especial, 8, 2013, Londrina. **Anais...** Londrina, 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2013/AT07-2013/AT07-031.pdf>. Acesso em: 30 maio 2019.

SANTOS, C. A. Competência em informação (Colnfo): panorama geral. **INFOhome**, dez., 2015. Disponível em: https://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=948. Acesso em: 30 maio 2019.

SOUZA, G. F. **Relações familiares entre surdos e ouvintes**: análise de narrativas biográficas. 2018. 157 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

VITORINO, E. V. Análise dimensional da competência em informação: bases teóricas e conceituais para reflexão. **RICI**: Revista Ibero-americana de Ciência da Informação, Brasília, v. 9, n. 2, p. 421-440, jul./dez., 2016. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/2420/2159>. Acesso em: 30 maio 2019.

VITORINO, E. V.; PIANTOLA, D. Competência informacional – bases históricas e conceituais: construindo significados. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 38, n. 3, p. 130-141, set./dez., 2009. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1236/1414>. Acesso em: 30 maio 2019.

VITORINO, E. V.; PIANTOLA, D. Dimensões da competência informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 40, n. 1, p. 99-110, jan./abr., 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v40n1/a08v40n1.pdf>. Acesso em: 30 maio 2019.